Entrevista à Professora Doutora Françoise Bacquelaine



A Professora Doutora Françoise Bacquelaine foi Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e investigadora do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP). Licenciou-se em Filologia Germânica pela Université de Liège, na Bélgica, tendo posteriormente realizado o Mestrado em Terminologia e Tradução e o Doutoramento em Ciências da Linguagem na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A sua tese de doutoramento, defendida em 2020, intitulada Traduction humaine et traduction automatique du quantificateur universel portugais «cada» en français et en anglais. Étude de

phraséologie comparée, incidiu sobre as relações entre tradução humana e tradução automática, a partir do estudo contrastivo da quantificação universal em português, francês e inglês.

A sua investigação, assente sobretudo na análise de corpora, tem-se desenvolvido em torno da Tradução humana e automática, da Terminologia, da Fraseologia e da Semântica, com particular atenção aos quantificadores universais e às relações entre o português e o francês. Entre os seus trabalhos encontram-se estudos sobre marcadores discursivos, unidades polilexicais, terminologia especializada e os desafios colocados pela tradução automática, incluindo a tradução de estruturas ambíguas e de unidades fraseológicas.

No âmbito da sua atividade docente, lecionou tradução geral e especializada entre o francês e o português, Linguística Francesa e utilização de corpora em investigação científica, tanto ao nível da licenciatura como do mestrado e doutoramento. É ainda autora de diversos artigos científicos, coeditora de obras e tradutora e revisora linguística de livros e artigos científicos. Desde 2016, é responsável pela versão francesa da enciclopédia digital Ulyssei@s, do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa.

A entrevista à Professora Doutora Françoise Bacquelaine foi conduzida por Cláudia Couto, Margarida Carneiro e Tiago Azevedo, tendo sido preparada por Beatriz Guedes, Cláudia Couto, David Garcia, Fernando Santos, Margarida Carneiro, Maria João Sá, Tiago Azevedo e Tomás Moreira, e, posteriormente, transcrita por estes e editada e revista por Cláudia Couto. A Equipa Editorial agradece profundamente à Senhora Professora a disponibilidade e generosidade demonstradas ao longo desta conversa, que permitiu uma enriquecedora partilha de conhecimentos, experiências e reflexões sobre a Linguística, a Tradução e o Ensino.

Antes de mais queríamos agradecer à Senhora Professora pelo facto de ter aceitado o nosso convite. Temos um grande prazer e um grande entusiasmo em partilhar este momento com a Senhora Professora especialmente tendo em conta a relação que mantém com a linguística e com o CLUP. A nossa primeira pergunta é a seguinte: Sabemos que para o seu doutoramento "Traduction humaine et traduction automatique du quantificateur universel portugais cada en français et en anglais. Étude de phraséologie comparée", a senhora professora estudou o quantificador universal português "cada". Deste modo, gostaríamos de saber o que a motivou e quais foram os principais desafios que encontrou na realização deste trabalho.

Bem, primeiro a motivação foi o seminário de semântica, que foi o primeiro seminário que eu fiz no Doutoramento, e, naturalmente, o meu interesse pela tradução. O meu trabalho de semântica centrou-se nos três quantificadores universais em português e em francês: *cada* - *chaque*, *todos os* - *tous les*, e *todo o* - *tout*, como em "todo o homem é mortal" - "tout homme est mortel". Este último não deve ser confundido com o quantificador mereológico, muito parecido em português ("comi o bolo todo" ou "comi todo o bolo"), mas diferente em francês ("j'ai mangé tout le gâteau"). O quantificador universal refere-se a uma pluralidade de ocorrências enquanto o quantificador mereológico se refere a uma unidade singular numa relação entre o todo e as partes.

Portanto, o que suscitou o meu interesse pelo quantificador *cada* foi esta pesquisa sobre os quantificadores universais no *CETEMPúblico* e em *corpora* comparáveis português-francês que tinha criado no Corpógrafo para estudos anteriores no âmbito do Mestrado em Terminologia e Tradução: um *corpus* de artigos de imprensa sobre a guerra no Iraque para estudar eufemismos na unidade curricular de Teoria da Tradução e um corpus de textos técnicos e científicos sobre a terminologia da tecnologia Bluetooth para a dissertação de mestrado. Verificou-se que, seja qual for o *corpus*, o quantificador *cada* é muito mais frequente que os outros quantificadores universais portugueses e que *chaque* em francês. Alguns colegas do grupo de Semântica ficaram muito admirados, porque eles achavam que *chaque* era mais frequente que *cada*. Foi aí que eu me interessei mais pelo *cada*. Descobri que esta frequência extraordinária se explica em parte por quatro estruturas que não podem ser traduzidas para o francês com *chaque* nem para o inglês com *each*. Achei isso interessante, e foi assim que passei da terminologia no mestrado para a fraseologia no doutoramento.

A investigação centrou-se então nestas quatro estruturas. A primeira é a mais frequente em todos os *corpora* e expressa a progressão através de *cada vez* seguido de um comparativo: "cada vez mais", "cada vez menos", "cada vez melhor", "cada vez pior", "cada vez maior", "cada vez menor". À segunda estrutura do tipo "uma quantidade *de cada vez*" chamei de "conta-gotas". O *CETEMPúblico* fornece um exemplo esclarecedor: "Só podem ir sete de cada vez, a carrinha não dá para mais". Esta deu mais trabalho, porque as estruturas *cada vez que* ou *de cada vez que* são muito frequentes, portanto, um dos desafios foi identificar este uso de "*de cada vez*" para expressar o conta-gotas. Portanto, este foi o primeiro desafio. Depois existem

dois tipos de proporção expressos através de *cada* seguido de um numeral cardinal: a proporção entre um conjunto e um subconjunto, como, por exemplo, "Um em cada quatro portugueses votou no Chega", ou então a proporção entre dois conjuntos: "Naquela escola há um computador por cada dez alunos".

O segundo desafio foi encontrar um volume suficiente de traduções humanas destas quatro estruturas, sabendo que a progressão é muito mais frequente que o conta-gotas e os dois tipos de progressão. Para isso explorei *corpora* paralelos em português, francês e inglês (*European Medicine Agency* e um romance de Amélie Nothomb, "*Stupeur et tremblements*") assim como os *corpora* comparáveis que já tinha no *Corpógrafo*, sobre a tecnologia Bluetooth nas três línguas em estudo e sobre a Guerra do Iraque, só em francês e em português. Consegui assim estabelecer um modelo de tradução humana para verificar até que ponto a máquina era capaz de traduzir unidades de construção pré-formadas que devem ser traduzidas em bloco e não palavra por palavra.

Naquela altura, os sistemas de tradução automática estatística traduziam bem *cada vez mais*, a estrutura com o comparativo mais frequente. No entanto, com os outros comparativos e as outras estruturas era mais complicado. No caso de "uma quantidade *de cada vez*", também havia muita confusão por causa da ambiguidade com a estrutura *de cada vez que*, que expressa a iteração. Hoje em dia, os sistemas de tradução automática neuronal são muito melhores, mas a ambiguidade continua a ser um obstáculo tanto para a máquina como para o tradutor humano.

Iniciei o doutoramento em 2010 e a tradução automática neuronal gratuita apareceu em 2015, no ano em que deveria submeter a tese. Eu acabei por ter também problemas pessoais naquele ano, portanto decidi continuar a tese, senão ficaria logo desatualizada. Por isso, a evolução da tradução automática tornou-se, também, um dos desafios principais. Já tinha um modelo válido de tradução humana elaborado a partir dos *corpora* paralelos e comparáveis, mas tinha de obter dados de tradução automática atualizados, pelo que o principal desafio no final foi ter de recolher todos estes dados no início de agosto e terminar a análise em setembro para submeter a tese no dia 30 de setembro. Não dormi durante dois meses, nem sequer tinha sono.

Outro desafio foi o facto de ser trabalhadora-estudante. E, ainda por cima, entre 2005 e 2008, os contratos dos leitores de francês deixaram de ser renovados, menos dois: o meu e o de

outra colega. Assim, em vez de dar doze horas de aula por semana, eu dava vinte e também tinha muitos estudantes. Por isso, havia pouco tempo para dedicar à tese durante o ano letivo.

Resumindo, a motivação decorre da frequência excecional do quantificador universal *cada* em português e da minha paixão pela tradução, enquanto os desafios foram de ordem linguística, tecnológica, pessoal e profissional.

Uma das suas comunicações na conferência CLUP'23 abordou o "portuglês" nos relatórios de estudantes. Considera que esta crescente influência do inglês é um fenómeno natural ou uma perda da identidade linguística que os falantes devem, de certo modo, combater?

Acho que são as duas coisas. A crescente influência do inglês é um fenómeno natural no mundo globalizado, não vale a pena negar isso. Desde sempre, as línguas vivas têm recorrido a empréstimos para designar novas realidades, novos conceitos, é perfeitamente natural. Por exemplo, em português, a palavra *chá* vem do chinês, a palavra chegou com o produto. É um processo natural de enriquecimento das línguas vivas, mas acho que o inglês está cada vez mais presente no português, e, às vezes, de forma desnecessária.

Portanto é natural, as ciências evoluem em inglês, os termos ingleses designam conceitos novos e podem ser emprestados, é a solução mais simples. Mas também podem ser "aportuguesados", através de neologia de sentido de uma palavra ou de um termo existente na língua portuguesa, ou pode-se criar um termo novo como *portuglês*. E a minha dissertação de mestrado foi um pouco neste sentido. Até o professor Nuno Almeida da Faculdade de Engenharia que me ajudou com a tecnologia Bluetooth e fazia parte do júri, disse que a minha dissertação parecia um manifesto em defesa da língua portuguesa. Devo também referir aqui o professor Manuel Célio Conceição, da Universidade do Algarve, porque ele disse que os empréstimos, muitas vezes, são opacos, os estudantes não percebem o seu sentido, apesar de os usarem. A solução encontra-se nas reformulações na língua de ensino. Então, eu fui assistir a uma aula do professor Nuno Almeida na Faculdade de Engenharia. Ele deixou-me gravar a aula sobre a tecnologia Bluetooth durante a qual ele explicava em português o conceito designado por cada termo inglês. A partir destas explicações ou reformulações, submeti algumas sugestões

de termos portugueses para designar conceitos desta tecnologia, e o professor validou-as na sua maioria.

Vou dar alguns exemplos do dia-a-dia. Ninguém vai usar a palavra *mouse* para falar do rato do computador, este calque já é natural. Há, no entanto, atualmente uma concorrência entre os neologismos de sentido *influenciador* e *influencer*, um empréstimo que acho desnecessário. Às vezes parece que as pessoas usam palavras inglesas porque fica bem, um pouco por snobismo. Por outro lado, o termo português *correio eletrónico* não tem qualquer hipótese face ao empréstimo *e-mail*, que é muito mais curto. De facto, o comprimento das palavras portuguesas em comparação com as palavras inglesas é uma das razões pelas quais os termos portugueses transparentes não se conseguem impor face aos empréstimos opacos mais curtos. Mas também existem contraexemplos, relativamente raros porque, de uma forma geral, as palavras inglesas são bastante curtas: o termo inglês *management* não chegou a substituir *gestão*, porque g*estão* é mais curto que *management*.

Portanto, a anglicização do português não é generalizada, é um processo natural. É um dos fatores de enriquecimento do vocabulário e da terminologia da língua portuguesa. Estou completamente de acordo. No entanto, outros fenómenos neológicos sob a influência do inglês parecem, como já disse, desnecessários, e podem até ser considerados erros de português. Por exemplo, a neologia de sentido de palavras como *consistência*, usada com o sentido inglês em vez de *coerência*. Normalmente, a consistência tem a ver com algo mais concreto, que se vê ou se sente com o toque, enquanto a coerência tem a ver, por exemplo, com a coerência textual, a forma de uniformizar terminologia, etc. Mas este significado novo já está registado no dicionário. Depois também o que me choca mais talvez seja o advérbio *eventualmente* em vez de *finalmente*. Estes são só dois exemplos de neologia de sentido: portanto uma palavra portuguesa existente adquire desnecessariamente um sentido inglês, tornando-se polissémica e podendo chegar a substituir outra palavra portuguesa existente. Não sei se será porque os alunos, autores dos relatórios, lêem mais inglês e estão a utilizar mais o inglês do que a própria língua materna, e estarão a fazer interferências com a língua estrangeira... Portanto, isso é para mim mais grave do que os empréstimos lexicais e terminológicos necessários ou justificados.

Depois há os calques sintáticos. Nós temos exemplos como “fui atribuída uma tarefa”, “fui garantida a possibilidade de realizar...”. O que foi atribuído foi a tarefa, não fui eu, e o

mesmo vale para a possibilidade. Assim, isto é, para mim, mais grave, mas, se calhar, o português vai evoluir. Eu não sei se vai ser uma evolução natural, é capaz, mas, para já, acho um pouco chocante. Depois há o uso das preposições. Por exemplo, "relacionar a" em vez de "relacionar com", ou a posição, dos adjetivos e dos advérbios, como, por exemplo "a recentemente fundada empresa". Em inglês, é normal, mas em português já não se pode usar esta estrutura.

Se o artigo for publicado, encontrarão lá muitos exemplos. Não sei se tudo é natural, acredito que há uma parte que seja, e é boa, é positiva, enriquece a língua portuguesa. Mas depois há outra pior e eu acho que as pessoas têm de defender um pouco as suas línguas.

Recentemente, a senhora professora publicou, com a professora Elena Galvão, um artigo nos Cadernos de Tradução em que se debruçam sobre os dados recolhidos após um projeto de tradução da base de dados Ulyssei@s do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Referem nesse artigo que este trabalho permitiu trabalhar com ferramentas de Tradução Automática Neuronal (NMT) e que esta atingiu níveis notáveis de fluidez, ainda que, enfatizando que a precisão e a adequação contextual dependem crucialmente da intervenção humana. Contudo, assistimos a uma evolução constante da IA que promete mitigar progressivamente esses erros técnicos. Quais considera serem os maiores benefícios práticos desta e que cuidados são indispensáveis para assegurar a qualidade do texto final?

O projeto de tradução da enciclopédia digital Ulyssei@s nunca vai acabar. Ainda tenho algumas propostas de tradução por rever e os investigadores do ILCML continuam a publicar verbetes que me comprometi a traduzir.

Voltando para a sua pergunta sobre a tradução automática. É preciso lembrar que a máquina calcula a solução de tradução mais provável de acordo com os seus dados, que são inevitavelmente limitados. A máquina não percebe nada, não tem conhecimento do mundo, não tem experiência de vida e, naturalmente, não tem espírito crítico. Ela limita-se a propor a solução mais provável de acordo com os seus dados limitados, enquanto as possibilidades da linguagem humana são infinitas. Portanto, estão a ver o problema?

Eu acho que nunca vai dar tudo certo, é impossível. Os resultados são tanto melhores quanto os dados forem adequados ao domínio. Há resultados muito bons, já desde os anos 70 do século passado. Por exemplo, os boletins meteorológicos no Canadá são traduzidos automaticamente entre o francês e o inglês, desde os anos 70, com um sistema de tradução automática à base de regras. Quando o domínio é muito circunscrito e há dados suficientes, os resultados podem ser muito bons. Assim, hoje em dia, se uma pessoa ou uma empresa tiver muitas memórias de tradução num determinado domínio, pode treinar o próprio motor de tradução automática neuronal com os próprios dados de qualidade e isso vai dar resultados muito bons. Mas isto é pago e bem pago. Também a versão profissional do C*hatGPT* é paga, e não é barata. Eles dizem que garantem a confidencialidade, mas eu duvido. Isso é um dos problemas da inteligência artificial na área da tradução: a falta de proteção dos dados submetidos à máquina. Eu escrevi um artigo em francês com colegas portuguesas. Havia citações e exemplos em francês e em português. Para aliviar o meu trabalho enquanto falante nativa de francês, uma colega sugeriu que fizéssemos a revisão linguística com o *ChatGPT*. Disse-lhe que não fizesse isso, pois estaríamos a dar o nosso texto ao *ChatGPT,* e qualquer pessoa poderia ir lá buscá-lo e publicá-lo em nosso lugar. Isto são coisas que as pessoas nem sempre têm em mente.

Portanto, as ferramentas pagas e treinadas com dados específicos são muito boas, não digo o contrário, e são úteis na tradução, nomeadamente de textos técnicos. Já na tradução literária e científica, a máquina não consegue resolver casos de ambiguidade, ironia, humor, coerência terminológica, e também falha muitas vezes no que diz respeito à coesão e à coerência. Por exemplo, os pronomes. Se o antecedente ficar longe, já não o consegue identificar. Com o português, também surge o problema da omissão frequente dos pronomes, cujo uso é obrigatório em línguas como o francês ou o inglês. Em português, raramente se usam pronomes sujeitos, o tal "sujeito nulo", muitas vezes também não se usam pronomes objetos, e, aí, a máquina falha. Vai propor qualquer pronome mais frequente, o que, normalmente, é o masculino.

Agora, a meu ver, a qualidade do texto final depende sempre da intervenção humana. A literacia em tradução automática e inteligência artificial é fundamental. Os estudantes têm de saber como funciona a máquina, quais são as suas forças, as suas fraquezas, e também têm de

usar o seu espírito crítico para avaliar a qualidade do produto, ou melhor, da proposta da máquina. Eu falo em propostas, não falo em traduções automáticas, pois é uma proposta de tradução automática oferecida pela máquina. Depois, o ser humano é que tem de ver se vale a pena aproveitar ou não, porque, às vezes, nem vale a pena aproveitar, dependendo do género textual ou do grau de criatividade do autor em literatura. A proposta da máquina tem de ser adequada, não só a nível de equivalência semântica, mas também de adequação terminológica, adaptação ao público-alvo, e ao uso que vai ser feito do produto traduzido. Eu lembro-me de um exemplo dado pelo meu primeiro professor na área da tradução, o professor Daniel Gouadec: quando uma pessoa está a traduzir um manual de instruções para um mecânico que está na fossa da oficina, debaixo do carro, com as mãos completamente sujas, o tradutor tem de pensar no suporte mais adequado. O mecânico não vai pegar num livro e começar a ler o manual de instruções. Ele precisa de algo como um póster plastificado que ele vai pendurar na parede da fossa. Isto também é o papel do ser humano: perceber as necessidades do público-alvo, do uso que vai ser feito do produto traduzido e adaptar o suporte, ou seja o que for, ao uso previsto.

Portanto, o ser humano tem de confirmar tudo, tendo em conta o público-alvo, e quando sabe quais são as fraquezas da máquina, sabe muito bem onde vai ter de procurar, comparando sempre com o texto de partida por causa das famosas "alucinações" da máquina. Este processo chama-se a pós-edição, que pode ser mais complicada, mais demorada do que traduzir de raiz. Eu uso muito o *DeepL*, e, com o inglês, o alemão, o português e o francês, dá resultados bons e sugere alternativas. Depois, mais uma vez, a intervenção humana é necessária para selecionar o que é mais adequado, tem de pesquisar se for preciso e, quando se trata de terminologia, é sempre preciso confirmar. Recentemente, fiz uma revisão de uma tradução de inglês para francês, que até era da minha filha, na área da saúde, do cancro, e eu vi que ela tinha traduzido os termos em inglês para francês, eram calques. Eu fui confirmar e encontrei os termos comuns em francês num site do Governo francês, que não tinham nada a ver com os calques do inglês. Deixei comentários e referências dos sites. Ela agradeceu e validou as minhas propostas. Como ela redige sempre em inglês, não domina a terminologia em francês.

Em casos como este, para procurar os termos adequados, também é preciso saber pesquisar em textos comparáveis, já que em dicionários, muitas vezes, os termos não aparecem. Também quando são conceitos recentes, que acabaram de ser inventados, muitas vezes, é o

tradutor que propõe ou até cria um equivalente na língua de chegada. Isto também é uma forma de defender a sua língua materna face ao inglês omnipresente.

Em suma, a máquina é uma ferramenta ao serviço do ser humano, que deve ser consciente das suas vantagens, das suas forças, mas também dos seus limites e dos seus riscos. Repito: a tradução automática ou a revisão de artigos científicos ou outros textos confidenciais pela inteligência artificial é perigosa, não só porque a máquina não percebe, mas, também, pela falta de proteção de dados, uma vez que ela se apropria de todos os dados que lhe submetemos. Fica a dúvida com as versões pagas...

De acordo com uma pesquisa publicada pela Microsoft em julho de 2025, a carreira de tradutor ocupou o primeiro lugar da tabela com uma maior probabilidade de ser substituída por softwares de inteligência artificial. A senhora professora concorda com este vaticínio e que alternativas existem para a área da tradução se adaptar a este novo paradigma?

Eu fico muito assustada com a confiança cega dos leigos quanto à inteligência artificial e à tradução automática neuronal. É até uma confiança assustadora, e eu estou sempre de pé atrás. É verdade que houve progressos e que está muito melhor, mas não passa de uma ferramenta de apoio, e a profissão de tradutor tem evoluído, naturalmente, para acompanhar os progressos tecnológicos. Esta evolução começou pela pós-edição, a revisão de tradução automática e, agora, fala-se de uma maneira mais abrangente em serviços linguísticos. E serviços linguísticos há muitos. O atual mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos chamava-se antigamente mestrado em Terminologia e Tradução. Esta nova designação reflete também esta evolução. E há uma diversidade de serviços que podem, aliás, que devem ser prestados por humanos, com ajuda das ferramentas, não digo que não. Eu também aproveito muito as ferramentas, mas sempre com um olhar crítico. Eu acho que o ser humano continua a ser fundamental na tradução de textos especializados. Mais uma vez, porque a máquina não percebe, nomeadamente em áreas científicas e na literatura. Na tradução técnica de manuais de instruções, já há muito tempo que se faz muita coisa com a máquina, seja com as memórias de tradução ou os sistemas de tradução automática estatística, com mais ou menos qualidade. Por exemplo, uma vez, comprei uma torradeira espanhola e, nas instruções em português, não se

podia colocar pão (*paño*) na torradeira. Portanto, isto é uma tradução automática que nem foi relida. Neste caso, não foi grave, mas para certos aparelhos, a falta de pós-edição pode ser muito perigosa ou até fatal.

Logo, o que os fornecedores de serviços linguísticos podem fazer, hoje em dia, é a tradução literária, a tradução de artigos científicos, enfim qualquer texto que requer a compreensão, a interpretação humana. Ou a legendagem interlinguística (porque a legendagem não é uma tradução de texto escrito). A legendagem interlinguística tem a ver com imagem, gestão do tempo, sendo necessário resumir muito, reformular, passar do código oral para o código escrito, atender às necessidades do público-alvo. Quanto à máquina, para já, só consegue transcrever o que é dito, sem respeitar os constrangimentos impostos pelo suporte e o público-alvo. Portanto, os seres humanos são necessários na legendagem interlinguística, na legendagem para surdos, tudo o que tem que ver com a acessibilidade. Por acaso, na semana passada, fui entrevistada sobre a audiodescrição para cegos e pessoas que vêem mal. Também me perguntaram o que eu achava do uso da inteligência artificial para escrever o *script*, etc. A meu ver, é uma ferramenta, pode ajudar, mas não se pode confiar no produto das máquinas. Portanto, a acessibilidade requer um ser humano, seja na legendagem para surdos ou na audiodescrição de filmes, de videojogos, de espetáculos, de museus. Também não se pode pedir à máquina a revisão de textos especializados, a localização de videojogos, que, tal como a literatura, requer muita criatividade, há os nomes das personagens, há todo o ambiente próprio.

Portanto, resumindo, a inteligência artificial é uma ferramenta ao serviço do humano, da inteligência humana.

Ao longo da sua formação académica, a Senhora Professora transitou por vários contextos linguísticos e culturais — Bélgica, França e Portugal. De que forma é que essa diversidade formativa moldou a sua abordagem aos estudos de tradução e fraseologia comparada? E de que forma é que a sua experiência comparativa entre línguas contribui para repensar práticas de ensino e formação de tradutores nos dias de hoje?

Eu agora já estou reformada, portanto, já não penso muito nisso, mas vou falar sobre a minha experiência passada. Sobre os meus estudos, iniciei a minha formação académica na

Bélgica francófona, com uma licenciatura de quatro anos em Filologia Germânica. Estudei inglês e alemão, e a maior parte das aulas eram ou em inglês ou em alemão. No primeiro ano de alemão, em literatura, eu tive o *Urfaust* em alemão, com as aulas em alemão e tudo. Portanto, era na Bélgica francófona, mas os estudos foram maioritariamente em inglês e alemão e, na altura, eu já queria estudar tradução, só que esta ainda não era ensinada na universidade. Era um curso superior e o meu pai insistiu que nós tivéssemos um curso universitário. Portanto, fui para a Filologia Germânica. Mas tínhamos uma dissertação de licenciatura, e eu fiz sobre terminologia do *crochet* e do *tricot* em alemão e em francês. Assim, em vez de fazer literatura, que era o esperado do estudante de Filologia Germânica, escolhi uma coisa completamente diferente, e de que eu gostava. Eu era perita, então eu tinha ali as explicações em alemão, fazia, e depois via se estava bem e se percebia. E eu adorei fazer isso. Dei assim os meus primeiros passos nos estudos contrastivos.

Depois, nos anos 90, disseram que havia já menos estudantes em francês, e eu achei importante fazer uma formação no ensino de francês como língua estrangeira, e encontrei um curso à distância em França. Fiz francês como língua estrangeira na Universidade Stendhal em Grenoble, e uma das componentes do curso era um relatório sobre a aprendizagem inicial de uma língua estrangeira completamente desconhecida, e eu tinha de observar tudo. Não era preciso estudar a língua, e não podia ser uma língua românica, não podia ser germânica, não podia ser o árabe, porque eu vivi dois anos em Marrocos. Foi assim que comecei a aprender o mandarim nos cursos livres da Associação de Estudantes da FLUP e continuei com o curso bianual de Sinologia na Universidade do Minho no final do século XX.

No início do século XXI, veio cá o professor Yves Gambier da Universidade de Turku, na Finlândia. Ele falou-me de uma formação em tradução à distância em Rennes, em França, com o professor Daniel Gouadec. Inscrevi-me e adorei a metodologia. Era *online*, ele enviava instruções e nós fazíamos tudo. O professor quase não intervinha, não corrigia os trabalhos e os colegas até nem estavam lá muito contentes. A formação incluía uma semana de formação em informática aplicada à tradução, e foi aí que aprendi a usar o motor de pesquisa *Google* para encontrar termos ou colocações, uma formação que eu adorei. Foi só um ano, mas foi muito bom.

Depois, inscrevi-me no Mestrado em Terminologia e Tradução. Como já referi, fiz a Dissertação sobre a Terminologia da Tecnologia *Bluetooth*, em inglês, francês e português, com a ajuda de um engenheiro. Em 2009, fui colocada no Doutoramento em Linguística, que agora é Ciências de Linguagem. Passei da Terminologia Comparada para a Fraseologia Comparada.

Entre o ensino à distância e presencial, experimentei diversas formas de estudo e de avaliação. Na Bélgica, a maior parte dos exames é oral, tínhamos exames escritos de literatura e gramática inglesa e alemã. Já na altura, os exames de gramática inglesa eram corrigidos pelo computador. De resto, era tudo oral. Mesmo os exames de gramática e literatura tinham uma componente escrita e uma componente oral. Portanto, é uma maneira diferente de avaliar, com certeza. Em França, tudo o que fiz à distância era escrito, e nós tínhamos trabalhos e exames escritos. E, aqui, em Portugal, o Mestrado e o Doutoramento consistiram em seminários, na investigação de um determinado tema seguida da apresentação oral na sala de aula e do trabalho escrito, tendo em conta os comentários. Não tinha propriamente exames nem testes.

No que toca às práticas de ensino na formação de tradutores, eu tentei aplicar a metodologia do Gouadec nas aulas, mas não funcionou nada, porque os estudantes queriam ser avaliados constantemente. No entanto, a aprendizagem de várias línguas estrangeiras e os meus estudos comparativos deram-me ferramentas para ensinar a língua e a linguística francesa, assim como a tradução geral e especializada entre francês e português. Eu tentei levar os estudantes a usar todos os recursos disponíveis para melhorar as suas competências de forma autónoma. Eu acho que o que falta às vezes é autonomia. Muitos estudantes estão à espera de receber e há pouca proatividade por parte de alguns. Não digo que seja geral, mas, alguns estudantes não sentem a necessidade de confirmar as suas escolhas ou as propostas da máquina. Não se dão ao trabalho de consultar gramáticas e dicionários, o que eu não compreendo, pois passo a vida, ainda hoje, a consultar essas ferramentas, se tiver uma dúvida. Entre os recursos, também há os textos comparáveis, porque, quando uma pessoa trabalha com várias línguas, os textos comparáveis são, muitas vezes, melhores do que as traduções.

Vou dar um exemplo da falta de dúvidas de alguns estudantes que aconteceu nas últimas aulas de tradução geral que dei. Os estudantes tinham de realizar um projeto individual de acordo com a metodologia trifásica ao longo do semestre, com a entrega de vários documentos antes da tradução propriamente dita. Uma estudante só me entregou a tradução, que achava

estar bem, mas era tradução automática. Disse-lhe que o que me interessava era o processo e não o produto traduzido. Dei-lhe zero e ela reprovou por falta de componente. Pedi-lhe para me entregar os documentos todos na época de recurso, mas não o fez. Ela não percebeu, achava que bastava traduzir e que a máquina já o fazia muito bem.

Bem, não respondi muito sobre os métodos de ensino. Experimentei muita coisa ao longo de várias décadas. Naturalmente, os estudos ajudaram, e tentei transmitir o meu entusiasmo pelas línguas, pela pesquisa.

A senhora professora já se reformou. No entanto, passou, com certeza, muitos anos no ensino. No contexto de sala de aula, onde é comum encontrarmos alunos com níveis de proficiência muito distintos, gerir estas discrepâncias, sem baixar o nível de exigência técnica, parece ser um dos maiores desafios pedagógicos. A seu ver, como é que se consegue equilibrar o rigor técnico que a tradução exige com a realidade de ter competências linguísticas tão heterogéneas na mesma sala de aula?

Eu sei que os meus colegas se queixam sempre da falta de homogeneidade nas turmas, mas eu nunca vi uma turma de línguas homogénea. Eles começam todos do nada, e passado três meses já há discrepâncias. Eu acho que tanto no caso da tradução, como no caso das línguas, a colaboração é fundamental. Cada um trabalha de acordo com as suas competências e estas são complementares. Colaborar melhora a qualidade do produto final. Aconteceu, várias vezes, ter estudantes portugueses com estudantes *Erasmus* francófonos nas aulas de tradução. Para mim, era maravilhoso, porque fazia grupos com lusófonos e francófonos, e, depois, cada um fazia o que sabia fazer melhor. Tinham de tratar da gestão do projeto, da pesquisa documental, lexical, fraseológica, terminológica, da tradução, da revisão, da formatação. Portanto, uma série de tarefas que requerem competências diferentes. O objetivo era mais habituá-los a trabalhar em equipa em vez de trabalhar em concorrência. Em Portugal, as notas têm muito peso, daí a concorrência, provavelmente. No entanto, os meus alunos trabalhavam bem em grupo ”misto”, e acho que é isso, tem de se aproveitar as diferenças, porque cada um tem as suas competências, não há ninguém que não tenha nenhuma. É uma riqueza e não um desafio. É preciso saber aproveitar esta oportunidade e motivar os estudantes a colaborar uns com os outros.

É verdade que a realidade do ensino e da aprendizagem se transformou profundamente nas últimas duas décadas, principalmente sob a influência do imediatismo digital e da utilização de Inteligência Artificial. Na perspetiva da Senhora Professora, qual é a maior diferença na forma como os alunos de hoje tratam a linguagem e a tradução e de que forma é que as mudanças refletiram no perfil e nas competências exigidas ao tradutor profissional?

Eu penso que a maior diferença na forma como os alunos tratam a linguagem é a submissão à influência do inglês. No início do século, quando comecei a ensinar a tradução, a tradução humana era predominante. Mas, a partir de meados dos anos 2010, quando surgiu a tradução automática neuronal, continuei a ensinar a metodologia trifásica, ou seja, a pré-tradução, a tradução e a pós-tradução. A própria fase da tradução também é subdividida em três fases: a pré-transferência, a transferência e a pós-transferência. A pré-tradução e a pós-tradução consistem em tarefas mais administrativas e comerciais do que propriamente linguísticas. Quem as realiza é o tradutor independente ou o chefe de projeto. A pré-transferência é a fase mais demorada. Trata-se de preparar a tradução propriamente dita. Envolve a interpretação do texto de partida, as pesquisas necessárias para o compreender e o traduzir. Faz parte da metodologia do Gouadec. Foi a única coisa que fizemos durante um ano, não traduzimos nada, só fizemos pesquisas, só no exame é que traduzimos realmente. Foi um exame de uma semana. Recebemos todas as tarefas de tradução na segunda-feira às oito da manhã e o prazo acabou na sexta-feira às oito da noite. Podíamos organizar o nosso trabalho como queríamos Nós estávamos sozinhas na sala, podíamos falar – ele até esperava isso – apesar de falarmos pouco, porque o tempo não era muito, mas uma semana era o suficiente. Tivemos um texto na área de medicina, e o meu pai era médico, e, por isso, eu fiz-lhe perguntas e depois dei as respostas a toda a gente. Havia outra rapariga cujo marido era engenheiro, e também tínhamos um texto na área de engenharia, e ela fez o mesmo. Acho que a tradução é isso, tem de ser uma colaboração de acordo com as competências de cada um, daí a importância de poder recorrer a especialistas quando se traduz numa área de especialidade. Quando tínhamos identificado, percebido e resolvido os problemas, cada uma fazia a sua tradução sem falar com as outras. De qualquer forma, nunca há duas traduções iguais, portanto não se pode copiar. Cada um tem de tomar as suas decisões.

Em meados dos anos 2000 comecei a introduzir a pós-edição nas aulas e estive num colóquio em Montreal, em 2024, onde os colegas também confirmaram que não se deve introduzir a pós-edição antes dos estudantes saberem traduzir, porque não se pode pós-editar sem se saber traduzir. E insisto: a metodologia trifásica continua muito importante na formação de tradutores profissionais porque a pré-transferência é uma fase crucial na interpretação do texto de partida e na mobilização de equivalentes de tradução adequados a cada projeto de tradução. É uma fase que só pode ser realizada por humanos. É verdade que os estudantes ficam um pouco desanimados, porque esta metodologia é muito exigente, nomeadamente na fase de pré-transferência. Se for bem feita, depois uma pessoa traduz rapidamente, mas depois ainda tem de fazer a revisão para garantir a qualidade do produto traduzido.

Portanto, o que quero sublinhar é a importância da metodologia trifásica e do papel do ser humano na produção de uma tradução de qualidade. Naturalmente, também depende do uso que será feito do produto traduzido. Às vezes, não se justifica tanto trabalho. Se for só uma pessoa a ler uma tradução ou se for uma comunicação interna, se calhar, para dez pessoas, não vale a pena estar a gastar tempo e dinheiro para fazer a revisão ou a pós-edição. Agora, se for para publicar, nem que seja na Internet, o produto traduzido tem de ser impecável. O que está em jogo é a imagem e a reputação de quem publica (editora, instituição, empresa...).

Em suma, tentei sensibilizar os estudantes para a diversidade de serviços linguísticos que ainda estão fora do alcance da máquina. Tudo o que implica compreensão, interpretação e criatividade, creio que a máquina nunca vá lá chegar. Numa cerimónia de aniversário da Universidade do Porto, estava um engenheiro, que relembrou que a inteligência artificial não tem nada que ver com a inteligência humana. Está a tentar imitar uma parte do cérebro, porque só utilizamos uma parte mínima do nosso cérebro, que tem possibilidades infinitas fora do alcance da máquina.

Quais foram os principais desafios que a Senhora professora observou na área da tradução ao longo dos anos enquanto profissional, tanto no ensino como na sua prática?

A tradução da enciclopédia digital Ulissei@s foi certamente o maior desafio que enfrentei nas aulas e na fase de revisão que ainda está em curso. Os desafios principais quando

se traduz do português para o francês são as frases longas em português, e, no caso da Ulissei@s, a terminologia literária, porque nem sempre é fácil encontrar o equivalente em francês. Os verbetes são constituídos por um texto escrito por um investigador do Instituto de Literatura Comparada sobre um artista e por excertos da obra deste. São maioritariamente escritores, mas também há pintores, cineastas. O que têm em comum é terem passado por Portugal e terem deixado vestígios dessa passagem na sua obra. Na parte escrita pelos investigadores, o desafio é o estilo, o comprimento das frases e a terminologia. Na parte literária, quando existe uma tradução oficial, é preciso encontrá-la, e nem sempre é fácil. É mais um desafio, porque não vamos estar a traduzir uma coisa que já tem uma tradução publicada. Quando não existe, é preciso traduzir, e a tradução literária não é nada fácil, nomeadamente os poemas, o humor, a ironia, as metáforas, digamos, os desvios em relação à norma. Sem falar da falta de contexto de alguns excertos. Tudo isso são desafios para o tradutor.

Também fiz tradução jurídica, outro desafio, talvez ainda maior do que a tradução literária, por causa dos sistemas jurídicos diferentes. No caso da tradução entre o francês e o português, tive de traduzir documentos de e para Suíça, Luxemburgo, Bélgica, França. Cada país tem o seu sistema jurídico, tem a sua terminologia própria, e é bastante complicado. Lembro-me do pior que tive de traduzir: uma folha de vencimento da Suíça, no âmbito de um processo do Tribunal de Família e Menores do Porto, em que um pai não pagava a pensão de alimentos. Recebi a folha de vencimento supostamente em francês, mas havia muitas siglas e acrónimos. Portanto, era preciso encontrar as formas extensas e os significados no sistema suíço e depois explicar em português a que se referia cada forma abreviada. Era muito complicado e levava muito tempo.

No caso dos países da União Europeia, era mais simples, porque tem muitos documentos paralelos ou comparáveis no *EUR-Lex* e muita terminologia na IATE (*Interactive Terminology for Europe*), a base de dados terminológica da União Europeia. Estes dois recursos ajudam imenso na tradução jurídica dentro da UE. Também tenho um dicionário de termos jurídicos franceses recomendado pelo Gouadec. É um investimento necessário já que a terminologia jurídica é muito complexa e tive a sorte de poder contar com juristas para me ajudar. Isso é algo também muito importante quando uma pessoa faz uma tradução numa área da especialidade. Com o *Bluetooth*, tive a ajuda do engenheiro, na tradução jurídica, também, recorri muitas vezes

a juristas, na tradução da medicina, era o meu pai. Acredito que é importante perceber que uma pessoa não pode traduzir sozinha.

No ensino, os principais desafios foram a falta de rigor de alguns alunos e, também, ultimamente, o seu desânimo face aos avanços da tradução automática e da inteligência artificial. O professor tem de motivar os estudantes demonstrando que a máquina não passa de uma ferramenta ao serviço do ser humano. A máquina não percebe nada, só calcula com base nos seus dados inevitavelmente limitados. A tradução especializada, a tradução multimédia, a acessibilidade, a garantia da qualidade do produto traduzido, continuam a precisar da intervenção humana com apoio nas tecnologias.

Enquanto investigadora, existe algum caminho de investigação ou algum tema que lhe interesse especialmente? E que temas é que ainda deseja ver explorados?

A pergunta é ambígua: os temas explorados por mim ou por outros? Vou começar com o que tenho feito nos últimos anos e os projetos futuros.

Tenho investigado na área do ensino de tradução na era da tradução automática neuronal e da inteligência artificial. Além do artigo sobre o projeto Ulyssei@s, também apresentei em Montreal uma comunicação sobre o ensino da pós-edição nas aulas de tradução. Mas agora tenho deixado um pouco o ensino da tradução, uma vez que já não ensino.

Toda a minha pesquisa baseia-se em *corpora* e na análise contrastiva português europeu-francês-inglês-alemão. Ultimamente tenho estudado marcadores discursivos franceses e portugueses com as professoras Fátima Silva e Fátima Oliveira, e alargámos a investigação ao alemão com o professor Thomas Hüsgen numa pesquisa sobre o marcador discursivo *de facto* e as suas traduções em francês e em alemão, que já foi apresentada em Innsbruck em setembro de 2026. Também estou a preparar, com a professora Joana Guimarães, uma comunicação a ser apresentada num colóquio sobre a tradução do humor e dos jogos de palavras em outubro de 2026. Escolhemos o último álbum *Astérix en Lusatanie* e a sua tradução para português. Estamos a centrar a pesquisa nos nomes dos personagens, que não são os nomes tradicionais, mas nomes novos. Em cada álbum do *Astérix* aparecem personagens novas, e são esses que tratamos. Outro aspeto de estudo é o humor induzido pelo "desvio" ou a "deturpação"

(*détournement* ou *défigement* em francês) de expressões fixas como o ditado "*os amigos dos meus amigos são os meus amigos*". No álbum do *Astérix*, aparece "*les ennemis de mes ennemis sont mes amis*" que foi traduzido por "*os inimigos dos meus inimigos são os meus amigos*". Esta tradução literal conserva o efeito humorístico. Mas há outro exemplo de tradução literal menos feliz. Pois existe em francês o ditado, "*Ce que femme veut, Dieu le veut*" (*O que a mulher quer, Deus quer*), que em português não existe. No álbum, o ditado foi alterado e truncado para "*Ce que Rome veut, ...*". Além do desvio, o leitor francófono tem acesso ao intertexto e completa a frase (*Dieu le veut*). Foi traduzido como "*O que Roma quer, ...*", o que resulta na perda do traço humorístico e do intertexto.

Ainda tenho dois estudos em curso, para apresentar no Congresso do CLUP em novembro de 2026. Um na área da fraseologia comparada com a professora Joana Guimarães. Trata-se no fundo de completar o modelo estabelecido no doutoramento com o alemão. Outro estudo situa-se na área da terminologia fictícia comparada (chinês, português europeu, francês, alemão e inglês) e está a ser desenvolvido com o professor Thomas Hüsgen e a nossa doutoranda chinesa Wang Jianan.

Finalmente, estou a participar num projeto de formação de leigos. O objetivo é testar a validade de um plano de formação de formador sobre a ética da inteligência artificial na área de saúde.

Estes são os meus projetos acabados e em curso. Mas acho que é ainda importante investigar sobre o lugar do humano nos serviços linguísticos, pois parece-me muito relevante, e sigo atentamente as publicações de alguns autores como Joss Moorkens e Sharon O'Brien, que trabalham muito sobre esse tema. Há também a acessibilidade, que é outro tema que carece de investigação, mas já não é para mim.

Por fim, quais são os conselhos que gostaria de deixar aos estudantes que pretendam seguir uma carreira nas áreas da Linguística ou da Tradução?

O primeiro conselho é que não desanimem. A inteligência artificial não se compara à inteligência humana e os serviços linguísticos são muito diversos. Outro conselho seria que desenvolvam o seu espírito crítico e não caiam na tentação de aceitar cegamente a proposta do

sistema de tradução automática e da inteligência artificial. É preciso ser muito vigilante. Um terceiro conselho: cuidem da vossa língua materna, sendo rigorosos no respeito pelas normas, as do português neste caso, e criando termos em português, em vez de emprestar sistematicamente termos em inglês. Tentem defender a vossa língua, porque tal como afirma o professor Rui Sousa-Silva, "o futuro pertence aos linguistas", uma vez que tanto a inteligência artificial como a tradução automática se baseiam nos *Large Language Models*, portanto em material linguístico. Hoje em dia, tudo depende da qualidade dos dados linguísticos, e, naturalmente, de algoritmos, pelo que a colaboração entre engenheiros e linguistas é fundamental. Esta colaboração tem sido e vai continuar a ser fundamental. Não há como fugir a isso, a língua é uma coisa muito complexa e é muito difícil transpor a língua para números. E, por fim, insisto num conselho para os futuros tradutores: por muito exigente que seja, aprendam a traduzir de acordo com a metodologia trifásica, para serem capazes de avaliar e pós-editar as propostas da máquina, de forma a produzirem traduções de qualidade, adequadas ao público-alvo e ao contexto de uso do produto traduzido.